



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6054 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Vania Konell - UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Agência e/ou Instituição Financiadora: UNIEDU

ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Esta pesquisa de Doutorado em Educação, vinculada ao Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora, na linha de pesquisa Cultura, Tecnologia e Processos de Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), parte do princípio de que os espaços da arte são potencializadores de formação humana. Este estudo também conta com o financiamento do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU).

O tema a ser investigado contempla a análise sobre o espaço onde as obras de arte contemporânea estão expostas no museu, assim entendidas como o espaço da arte, para possibilitar a experiência e a educação estética. Partindo do princípio de que os espaços da arte nos museus são propositores de educação, essa pesquisa evidencia que o museu é um lugar que dialoga sobre a produção de conhecimento.

O tema que trata essa pesquisa é bastante provocativo e extremamente relevante para uma compreensão educativa na atualidade, quando os museus são percebidos como propositores de conhecimento sensível e inteligível, porém, pouco explorados. Segundo Martins e Picosque (2012), pequenos deslocamentos podem gerar novas percepções nos outros, em nós mesmos e no mundo em que habitamos...desse modo, o mesmo pode acontecer quando se viaja para um lugar especialmente preparado para visitas como os museus, em que se pode descobrir novas paisagens e objetos, novos modos de habitar nosso planeta.

Esse tema surgiu pela vontade de conhecer mais sobre a arte atual e sua relação com a educação, com os saberes e práxis, uma vez que a arte contemporânea causa inquietações reflexivas e também sensíveis. Trata-se de um campo ainda a ser desbravado, ainda a ser conhecido na sua amplitude, justamente porque possibilita sensações individuais a serem descobertas pelas pessoas que apreciam arte. A arte é uma forma de ampliar nossos conhecimentos, sendo possível perceber que o inteligível não se dá apartado do sensível. Pelos sentidos, abstraímos percepções que nos levam a experiências únicas e com significados que possivelmente nunca esqueceremos. Esse conhecer e esse descobrir estão ligados à

educação e à experiência estética, tão importantes para a humanização do ser.

Com base nesse tema, esta investigação busca responder à seguinte questão problema: Como o espaço da arte no museu de arte contemporânea contribui para a experiência e educação esteticamente? Para respondê-la, esta pesquisa buscará compreender três conceitos que são entendidos como primordiais, a serem desenvolvidos neste estudo, a saber: espaço da arte; experiência na arte; educação estética.

Essa pergunta parte da tese de que o espaço da arte no museu de arte contemporânea é compreendido como um elemento propositor de formas de relação que provocam descobertas, escolhas, afetamentos, envolvimento, acolhimento, aproximações, encantamentos e transformações, e, portanto, contribui para a experiência e para a educação estética. Nesse sentido, percebe-se que o espaço faz parte da arte, à medida que ele estabelece relação com a obra, com o artista e com os sujeitos/espectadores que nele circulam. O espaço da arte se torna um elemento fundamental para a existência, fruição e compreensão do projeto artístico.

O filósofo Gaston Bachelard (2005), em seu estudo fenomenológico sobre o espaço, elucida o espaço como poético, algo que transcende a forma material. Essa abordagem possibilita analisar o espaço da arte que também é percebido como um campo de sentidos que vão além da sua exposição para um espaço/tempo de relação com a obra e com o espectador que permite apreciar de forma a experienciar e perceber que o espaço é habitado e, portanto, interfere na sua participação, na sua reflexão e no seu entendimento.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo compreender como determinados espaços da arte, que estão expostos no museu de arte contemporânea, contribuem para a experiência e educam esteticamente.

Para desenvolver a pesquisa, foi escolhido os espaços de obras de arte do Instituto Inhotim, considerado a sede de um dos mais importantes acervos, permanente e itinerante, de arte contemporânea do Brasil e também do mundo, localizado na cidade de Brumadinho, no Estado de Minas Gerais, Brasil. Esse museu de arte a céu aberto, o maior da América Latina, também conta com uma coleção de botânica que reúne espécies raras de todos os continentes. Nesse contexto de espaço físico, nota-se uma integração da arte com a arquitetura das suas galerias e com o espaço natural. Além disso, é um museu que tem o seu acervo mobilizado para o desenvolvimento de atividades educativas e sociais para todo o público que o prestigia.

Nesse sentido, o Instituto Inhotim foi visitado no ano de 2017 e 2019 para analisar a relação existente entre obras e espaço, ou seja, as experiências provocadas nesse meio circundante que dialoga e que provoca conhecimento e sensações. É um lugar que possui características peculiares com relação ao espaço da arte escolhido para cada uma das obras expostas, isso porque o espaço é incorporado e pensado como pertencente ao projeto artístico.

O percurso metodológico desta pesquisa será a a/r/tografia, fundamentada na Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), de caráter qualitativo, sendo os instrumentos de produção de dados desenvolvidos a partir da fruição artística que se deu no Instituto Inhotim com os registros fotográficos e de vídeos, com a produção artística e com a escrita em um diário de campo sobre as observações realizadas nos espaços de experiência estética das obras de arte expostas ao ar livre, seguindo o critério da “obra aberta” que estabelece as relações criadas a partir da interatividade entre artista, obra e público.

Segundo o conceito de obra aberta criado por Umberto Eco (1991), ela é compreendida como em “movimento”, inacabada, que considera a abertura uma possibilidade para o artista contemporâneo e o seu público intervir ativamente num processo de alteração e

de imprevisibilidade que se torna possível pelo estímulo provocado. O espectador, portanto, é convidado a recriar, reinventar e ressignificar a obra de arte a partir da experiência vivida, numa proposta coletiva que propõe um empenho autônomo por parte da sua participação ativa.

Ao falar do papel de espectador de arte na atualidade, o teórico Jacques Rancière (2019) em seu estudo sobre o espectador emancipado, exige uma postura que vai além da neutralidade de quem aprecia a arte. Para Rancière, à medida que o espectador se propõe a participar do que o espaço da arte tem a oferecer, ele avança para o processo de emancipação, que envolve a observação, a seleção, a comparação, o questionamento e a interpretação. Para isso, o espectador precisa relacionar o que vê com muitas outras coisas que já viu em outros momentos ou em outros lugares. Cada espectador frui e, portanto, sente e compreende à sua maneira, pois a obra não é a transmissão do saber ou do sopro do artista ao espectador, mas algo que está entre os dois, algo a descobrir. Nessa concepção de espectador emancipado, ele é levado a experiência e, portanto, educar-se esteticamente.

A experiência na arte apresentada nesse estudo está embasada na teoria fenomenológica de Hans-Georg Gadamer que entende como:

[...] ver a experiência da arte de tal maneira que venha a ser entendida como experiência. A experiência da arte não deve ser falsificada como um fragmento da formação estética que está na sua posse e, com isso não deve ter neutralizada sua reivindicação própria. Veremos que nisso reside uma consequência hermenêutica de longo alcance, na medida em que todo encontro com a linguagem da arte é um encontro com um acontecimento não acabado e, ela mesma, uma parte desse acontecimento. (GADAMER, 1999, p. 171).

O autor estabelece que a arte é uma linguagem possível de proporcionar a experiência no sujeito, uma vez que “[...] a obra de arte diz algo a alguém, e isso não apenas como um documento histórico diz algo ao historiador – ela diz algo a cada um como se isso fosse dito expressamente a ele, enquanto algo atual e simultâneo. Desse modo, vem à tona a tarefa de compreender o sentido daquilo que ela diz e de torná-lo compreensível – para si e para os outros” (GADAMER, 2010, p. 6). A experiência nesse sentido não é apenas vivenciar algo, fazer alguma coisa, ou meramente experimentar numa esfera de materialidade, mas a experiência no sentido subjetivo e intersubjetivo que se apresenta como aquilo que nos traz significados, percepções e memórias naquele determinado tempo e espaço. A experiência da arte surge acerca da compreensão da obra mediante sua fruição e compreensão.

Já o conceito de educação estética terá como aporte teórico o filósofo alemão Friedrich Schiller (1995), no qual pontua que o estágio para a autonomia intelectual se dá pela educação estética. Para ele, “[...] o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento” (SCHILLER, 1995, p. 51). Nessa perspectiva, Schiller mostra que a educação estética é o caminho para a formação humana. A educação estética defendida por ele está além da visualização do objeto no momento da fruição, está para uma busca de sensações que são provocadas pelo impulso lúdico que é estimulado pela união do impulso sensível com o impulso formal. Somente acontecerá o afetamento do sujeito quando o impulso lúdico está mobilizado.

Schiller (1995) considera que, para o impulso lúdico acontecer, o homem precisa jogar, precisa fazer parte do jogo, entrar no jogo, ou seja, precisa estar livre a pensar e a sentir no momento da fruição. Propõe o jogo como instrumento de diálogo que ativa o impulso lúdico. O sujeito precisa envolver-se, ser capaz de colaborar com a arte, criar, ressignificar, fazer parte da obra. Esse impulso o levará ao estado estético. Nesse sentido, o estado estético

pode educar o sujeito para a liberdade, isso significa que ele pode libertar o homem de sua natureza selvagem para conquistar a humanidade com ética. A educação estética, dessa forma, mostra-se como potencializadora da reflexão humana por meio da experiência no espaço da arte, em uma união entre a razão e a sensibilidade.

Dentre as considerações já realizadas até esta etapa, pode-se destacar que o espaço da arte vai além da simples acomodação da obra de arte em um lugar, para uma dimensão de penetração, de envolvimento, de expansão, de descoberta, de criação, que promove um encontro provocador entre obra e espectador ao ponto de proporcionar um jogo capaz de impulsionar saberes sensíveis e inteligíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Museu de Arte Contemporânea. Espaço da Arte. Experiência na Arte. Educação Estética.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.
- GADAMER, Hans-Gerg. **Hermenêutica da Obra de Arte**. Seleção e tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo, 2019.
- SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem numa Série de Cartas**. Tradução de Márcio Suzuki e Roberto Schwarz. São Paulo: Iluminuras, 1995.